

LASSIDÃO¹

Chrysanthème



[109]² Ela estava lassa de todos e de tudo...

O coração palpitava-lhe ainda no peito, porque a enxurrada sanguínea impulsionava-o sem que parte alguma ela tivesse nisso. Tudo lhe era indiferente, tudo lhe era estranho. Simples espectadora do mundo em fermentação ela notava-lhe sem emotividade o sublime e o ridículo. Nada lhe falava ao sexo. A todos ela parecia cética, fria, comediante, quando somente ela estava lassa, lassa a morrer por tudo que vira desde que a luz do raciocínio lhe iluminara o cérebro.

Era um corpo sem alma a errar pelo mundo, numa lâmpada sem luz a balançar-se no firmamento da vida!



Conservara, entretanto, toda a sua elegância, toda a sua beleza. Ornava-se. Enfeitava-se como [110] se adorna por hábito o corpo morto que, envolvido

¹ CHRYSANTHÈME. Lassidão. In: _____. *Gritos femininos*. São Paulo: Monteiro Lobato e Companhia, 1922. p. 109-115.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

em flores, é escondido sob a tampa do esquite. O mesmo *rouge* lhe avivava o carmim empalidecido dos lábios que sorriam, erguendo ligeiramente a linha descida da boca indiferente. O olhar era sereno, sem a luminosidade própria dos olhos femininos, sem provocação, sem entusiasmo, sem sequer a graça singela do abaixar lento dos cílios em pincel. Encarava sempre de frente, com um mirar parado, que, longínquo, parecia não ver o que se passava em torno.

Usava as mãos brancas, finas, desaneladas, e no seu pulso, riscado de veias azuladas, nenhuma pulseira se enrolava.



A admiração corria a ela, como a borboleta corre à luz, mas encontrava-a atônita, incompreensível, como um cego a quem se falasse de cores. Alheia ao amor, alheia à maldade, ela não julgava ninguém, não julgava nada. Quando lhe perguntavam o que tinha, respondia sempre, erguendo um pouco o ombro sob a seda do vestido e sorrindo levemente, que estava lassa. Viajara, errara sob novos céus, roçara o longo manto pelas praias prateadas que o Oceano beijava, procurando beijar-lhe também [111] os pés fatigados, e tudo a deixara inerte, sem fremência, sem interesse. As noites enluradas, assim como as escuras, não lhe despertavam um anseio, um palpar, uma emoção. O seu primeiro gesto ao despertar era a mão esconder o bocejo de cansaço e o seu primeiro pensamento era a morte.

Nunca entremeara nas suas tranças negras a menor pétala de flor e as suas narinas não tremiam ao sentir o mais forte aroma que se evolava de um jardim.



Entretanto, um pouco de luz subia àquela face transparente, onde a rosa se perdia, quando, por acaso, as suas mãos finas e alvas acariciavam o revólver niquelado, que, pesado e refulgente, brilhava entre os pequenos objetos da sua toalete. Quem a contemplasse naquele instante ficaria admirado da vida que se derramava naquele corpo de mulher, à ideia da morte, possível. É que ela se sentia tão forte quanto Deus, que, único, se quis reservar o poder de acabar com a vida humana. O espelho refletia-lhe o olhar desejoso, o olhar ardente de anseio pela força que a impeliria para a morte e o entreaberto dos lábios subitamente enrubescidos no calor da súplica pelo beijo frio da calma visitante, [112] que a curaria daquela lassidão imensa que lhe paralisava o corpo e os sentimentos.



Às vezes, à noite, o revólver metia-lhe medo. O níquel da sua capa luzia demasiado na escuridão do quarto.

Nessas ocasiões era o instinto animal só que falava, porque normalmente ela compreendia ser um ente fora da vida, sem lugar nela, sem razão de existir. E não estava tão lassa de todos e de tudo? Os inteligentes, o sutis, chegavam-se a ela e procuravam fazer-lhe a psicologia, com meiguice piedosa, com carinhos consoladores. Mas, involuntariamente, ela ocultava a estes, como aos simples curiosos, o único anseio da sua alma lassa, que seria fugir-lhe do corpo desfibrado.



Uma noite, ela estivera longamente a pensar, com os imensos olhos fitos num ponto do aposento. Era uma linda noite estrelada, em que o céu se assemelhava a um rico manto metalizado.

O silêncio era profundo em torno dela, que, apoiada sobre almofadas e com os braços fatigados [113] caídos ao longo do corpo, parecia uma defunta a quem tivessem olvidado de cerrar as pálpebras.

Vivia naquele instante toda a vida passada, toda a existência decorrida, e o peso desta, como uma enorme pedra, esmagava-lhe o ser íntimo. As dores, os tormentos, as angústias, tinham corrido a ela como atraídos pelo imã da sua sensibilidade e ela os recebera com aquela mescla de entusiasmo e de sofrimento, que dera à curva melancólica da sua boca vermelha aquele encanto, que o beijo de amor completara. Chorara primeiro, orvalhara de pranto as faces contraídas e muitas vezes os seus lábios umedeceram-se à umidade das lágrimas.

Depois disseram-lhe que o riso atrai a felicidade e ela ria-se quando o peito se lhe entumecia de pranto contido. Finalmente, ela pensou ter vencido a dor, quando pela primeira vez o seu olhar descansou num olhar de homem. Mas foi pior: dolorida, pálida, na expectativa sempre de uma crueldade do destino, ela interessou pouco tempo e em breve se achou abandonada. A sua rival era frívola, alegre, superficial. Quando a água é pouco profunda, o menor vento frisa-lhe a superfície e as suas ondulações têm encantos que cativam e interessam...

Continuou a rir, mas a sua alegria arrastava-a [114] a uma tal concentração de forças, a um tal desperdício de energia, que um dia ela se

encontrou lassa, inutilizada, como uma pobre boneca cujas molas uma criança houvesse quebrado. Nesse dia comprou o revólver niquelado, que, como a sua única esperança, repousava entre os objetos da sua toalete.



A lâmpada apagara-se debaixo do seu abajur rosa e o aposento enchera-se de sombras. Ela não se movera. O seio, porém, arfava-lhe mais precipitadamente quando o cérebro lhe recordara as rápidas cenas de amor em que palpitara tão intensamente, que se partira de uma vez para sempre. E novamente a ideia de morte veio acariciar-lhe a mente bafejada pela saudade do sentimento passado. Ergue-se, então, lenta e hierática, como um espectro entre as trevas, e dirigiu-se ao quarto de dormir. A luz era ali branda e velada como uma carícia, mas assim mesmo queimou-lhe o olhar desacostumado. Estendeu-se no leito, como uma morta num sarcófago, e de novo o seu ser se concentrou na ideia da única salvação possível para a sua alma lassa e sem esperança. De repente saltou da cama, leve e rápida, como outrora, quando corria ao encontro do amor, e tomou entre as mãos mornas [115] o revólver, que as esfriou ligeiramente. Depois, pegando do lápis com que sublinhava as linhas prediletas do livro da sua cabeceira, escreveu, de mistura com as frases impressas, a seguinte linha: “Morro porque estou lassa da vida!”, e, envolvida simplesmente nas rendas da sua camisa de dormir, matou-se.



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez

Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva

Revisão textual: Amanda Marinho e Arthur Dias Fontes

Preparação: André Azevedo de Alvarenga, Larissa Adur,

Rosane Velloso e Sora Maia Souza

Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

